

Teatro Animação de Setúbal

 

Discente: Telma Pinto

Nº100129025

Curso : Animação e Intervenção Sociocultural

##### LogoeseInstituto Politécnico de Setúbal

Escola Superior de Educação

**Curso de Animação e Intervenção Sociocultural**

Disciplina: MMA I

Docentes : João Correia

 Luísa Rodrigues

 **“Teatro Animação de Setúbal”**

***Telma Pinto nº 100129025***

***Setúbal***

Junho.2011

**Introdução**

A escolha do tema foi complicada, depois de algumas pesquisas na Internet sobre associações ou eventos que estivessem relacionados com a animação, encontrei o teatro animação de Setúbal. Foi difícil chegar até ele, pois só sabia que este tinha a sua localização em Setúbal, mas procurei no terreno e consegui encontrar através de algumas informações que fui obtendo de populares.

Tive de analisar que peças de teatro poderiam ter a ver com animação, para que o trabalho fizesse sentido. Descobri então um projecto que se liga ao objectivo deste trabalho que é, mostrar que o teatro pode ser uma fonte de animação sociocultural, que é usado não com a função de entreter mas de passar uma mensagem importante ao publico alvo. Para isso, investiguei um pouco mais sobre o teatro em animação sociocultural, portanto este trabalho e constituído por duas partes. A primeira mais teórica que liga a animação sociocultural ao teatro, e a segunda de caracterização da associação e do evento observado.

**O TEATRO E A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL**

O Teatro nasce da Festa, tem origem em rituais, a sua génese liga-se ao colectivo, agir e interagir.

O teatro é assim movimento, acção, comunicação.

O teatro começou assim por ser aquilo que hoje definimos como teatro como

meio de animação sociocultural porque na festa não existiam espectadores passivos, não havia os que faziam e os que viam, todos eram actores, todos se assumiam como protagonistas na celebração da vida vivida com a intensidade dos crentes resultante da acção dramática partilhada, sentida e intensa.

Este teatro como meio de animação surge com o homem e como uma

necessidade para que o homem se torne humano significa desenvolver uma série capacidades todas elas derivantes de um teatro promotor de meios destinados a projectar a expressividade, a criatividade, a espontaneidade, a confiança e sobretudo a comunicação entre os homens.

O teatro é assim uma grande necessidade humana constitui mesmo uma necessidade básica, para dar sentido positivo aos tempos libertos e aos problemas resultantes da incomunicabilidade, da intolerância, da tensão, da violência da depressão, das angustias, do stress, da mecanização da vida, da perca do sentido da vida, da ausência de afectos em suma da falta de humanismo presente na vida de hoje.

Um teatro na perspectiva da animação sociocultural e do lazer liga-se ao fazer

teatro em vez do ver teatro, isto é ir de encontro a uma metodologia que passa por considerar mais o processo do que o produto espectáculo. Porque o processo é o que leva ao estabelecimento simultâneo de relações sociais e educativas através do vivenciar e do partilhar ideias, sentimentos, opções estéticas associadas a referências comunitárias e a formas de compreensão de textos a partir de contextos e pretextos onde se relevam a história, os feitos, os acontecimentos e a formas de leituras plurais que manifestem visões plurais em relação ao mundo de hoje.

Um teatro que se liga ainda ao viver o tempo animando e não fazendo essa coisa assassina que se chama matar o que há de mais precioso no Homem, o tempo. É esta dimensão de teatro como meio de animação sociocultural que defendemos e que nos foi transmitida por pedagogos como Federico Garcia Lorca o grande poeta da humanidade, o grande pedagogo das palavras ditas e da acção difundida quer como missionário das missões pedagógicas Espanholas, quer como dramaturgo, encenador, actor e animador teatral.

Eis um dos seus muitos testemunhos que para nós constituem exemplos e máximas de referência:

“[...] O teatro é um dos mais expressivos e úteis instrumentos para a edificação de um

país e é o barômetro que assinala a sua ascensão ou queda.[...] O teatro é uma escola de

pranto e de riso e uma tribuna livre de onde os homens podem demonstrar morais

velhas ou equívocas e explicar, com exemplos vivos, normas eternas do coração e do

sentimento do homem. Um povo que não ajuda e não fomenta o seu teatro, se não está

morto, está moribundo; da mesma forma, o teatro que não recolhe o pulsar social, o

drama das suas gentes e a cor genuína da sua paisagem e do seu espírito, pelo riso ou

pelas lágrimas, não merece que se lhe chame teatro, mas sim sala de jogo ou local para

fazer essa coisa horrível que se chama matar o tempo [...].” (LORCA, 1977, p.235).

Como já foi referido esta concepção de teatro liga-se à necessidade de promover a comunicação humana e transformar o ver teatro no fazer teatro. Aqui importa sublinhar que nem todos podem ser actores profissionais, mas todos podem utilizar as actividades dramáticas para potenciarem a capacidade expressiva e comunicativa, o trabalhar a voz, a criatividade, a espontaneidade, a desinibição, o aprender a falar e a estar em público, a confiança, a observação, a coordenação do movimento, a concentração e o viver em ligação com o humano. Este teatro pode ser feito por gagos, deficientes, gordos, magros, altos, baixos, bonitos, feios e por pessoas tidas como normais. Apenas existe uma condição para fazer este teatro é ter alma, isto é ser portador da dimensão do sentido etimológico da palavra animação que como diz Ventosa, assenta numa perspectiva bidireccional onde no campo individual é entendida como anima ligando-se à vida e ao sentido da mesma e na perspectiva do colectivo projecta-se como “animus” vivenciada a partir do movimento e do dinamismo.

A ideia de que todos podem e devem fazer teatro porque todos sabem fazer. Este teatro que assenta no processo e recusa apenas a função redutora do produto teatral. O teatro processo liga-se assim a uma necessidade humana que busca e procura aprofundar uma participação activa, critica e solidária. O teatro produto vai ao encontro de um número reduzido de pessoas que fazem do teatro uma opção profissional de vida.

Teatro como meio de Animação Sociocultural como reforço da democracia

Participada, de uma participação comprometida que o torne protagonista da procura da sua autonomia plena e do seu auto desenvolvimento.

A importância e o significado cultural do teatro em contexto de animação

sociocultural são mostrados em duas dimensões fundamentais: uma, de tipo individual,

que se faz a partir dos processos de desinibição, da melhoria da expressão oral e da

capacidade de utilizar a memória em processos de maturidade, de afirmação da

personalidade mas, também, como um modo de ultrapassar receios e inibições. Outra,

de tipo social, ou o ponto de vista colectivo, que mostra claramente como as actividades

teatrais são um meio de sensibilização cultural, de encontro e de partilha.

A eficácia da animação sociocultural a partir de um objecto artístico como o

teatro resulta, por um lado, dos aspectos globais da criatividade e, por outro, dos

aspectos da gestão cultural que, por sua vez, articulam factores da dinâmica

sociocultural com factores da criação artística. De facto, o elemento fundamental que

permite a utilização do teatro em contexto de animação sociocultural é a criação.

De facto, num processo de animação sociocultural, a mediação teatral poderá hoje, ser uma defesa perante os pragmatismos da globalidade, reformulando o reencontro o humanismo e com os valores da universalidade.

Serão conteúdos do envolvimento do teatro com o mundo, com o conhecimento e o saber, com a arte e a vida, que darão significado a esta relação privilegiada do teatro com a animação sociocultural.

O conjunto destas abordagens ao teatro e com o teatro privilegia o encontro entre

os homens e faz do teatro uma forma de arte, justamente porque se baseia na

comunicação e no imediato, mas também porque sistematiza e torna coerentes essas mesmas abordagens, relacionadas que estão com os aspectos culturais, artísticos,educativos e sociais próprios da animação sociocultural.

Também para Jean Duvignaud (1973) há um conjunto de aspectos da prática

social do teatro que formam uma totalidade viva e que contribuem para agitar, em

muitos casos, a própria sociedade e as instituições. Ao mesmo tempo, esses aspectos

permitem estabelecer esta ligação entre a estética e a vida social, a criação artística e a

trama da existência colectiva. São estes factos sociais e estas aprendizagens que

valorizam os objectivos e as etapas da animação sociocultural quando o teatro é o

mediador, quer levando os participantes à acção, desenvolvendo os seus processos de

autonomia, quer como prática comunicacional, logo social e cultural, assumindo-se

como um dos meios privilegiados de animação sociocultural.

Naturalmente que falamos de coisas distintas quando fazemos animação teatral

e quando fazemos animação sociocultural. Os objectivos da animação teatral estão

associados à construção de um potencial projecto artístico-teatral que se poderá ou não

concretizar em espectáculo, enquanto que os objectivos da animação sociocultural,

desenvolvida através do teatro, estão associados às questões gerais e específicas do

desenvolvimento cultural, social, educativo e artístico. O ponto verdadeiramente comum

entre ambos os processos é a capacidade que têm de criar novos interesses e mobilizar para novas dinâmicas de participação social e cultural. Assim, a animação sociocultural é desenvolvida pelo animador generalista que, pontualmente, poderá recorrer-se dos animadores especialistas. Mas quem faz a animação teatral é o animador teatral. Explicitando melhor, em ambos os tipos de animação o teatro é utilizado como um meio.

Hoje, mais do que nunca, o campo da intervenção artística está significativamente ampliado, indo da criação à produção, e da animação à educação.

Nesta perspectiva podemos então assumir que o animador teatral também desenvolve

uma tarefa sociocultural para além da artística. Por outro lado, não é correcto pensar-se

que um animador generalista não possa actuar como um especialista apenas porque está

condicionado às “generalidades” da sua formação. Com efeito, ao ser-se animador

generalista, não se pode deixar de ser especialista em gestão, organização, coordenação

e condução de grupos, de projectos ou de tarefas.

Na primeira situação encontram-se as pessoas de teatro com uma enorme vontade ou atitude de animar, de fazer animação. Na segunda situação encontramo-nos perante o animador que tenta ter êxito na sua função sociocultural recorrendo às técnicas teatrais.

Pretendemos, a partir deste conceito, arte plural, problematizar duas das

abordagens e/ou formas de expressão do teatro que, do nosso ponto de vista,

sistematizam a sua função essencial, a criação e a fruição. Como o objectivo desta

reflexão é levar o nosso discurso pedagógico para o compromisso e para o

envolvimento da educação não-formal e informal com o teatro, portanto para as

questões da dinâmica e da participação social e cultural inseridas em contexto

comunitário, aproveitaríamos a oportunidade para apresentar, sintetizando, os dois

aspectos em que o teatro se apresenta: o ponto de vista do espectáculo e o ponto de vista

educativo.

A expressão dramática é, segundo Barret, G. e Landier, J-C (1994:6), o campo vasto da expressão e comunicação artística, lúdica e social. Por sua vez, a arte dramática é, na perspectiva de P. Pavis, o espaço de junção e de relação entre o texto dramático, o actor, a encenação e o público. A expressão dramática vai na direcção do objectivo do desenvolvimento pessoal e social que, em termos educativos, é um dos objectivos gerais da Escola segundo Barret, G., mas que poderá e deverá ser também um dos objectivos da Comunidade tendo em conta a educação ao longo da vida. Por outro lado, a arte

dramática reenvia-nos, através da sensibilização das práticas, à criação e fruição dos

objectos artísticos.

Associamos este questionamento permanente a quatro dimensões que caminham

juntas e em oposição a cada uma das abordagens ao teatro que tentamos definir.

Referimo-nos à relação que a realidade e o fazer têm com a expressão dramática e à

relação que o representar e a ficção têm com a arte dramática. Neste sentido,

interpretamos como elementos divergentes, as estratégias e, como elementos

convergentes, os fins. As estratégias e os fins passam pela valorização da dimensão da

pessoa humana, quer como sujeito da criação, quer como sujeito da fruição da

actividade artística em geral e da teatral em particular.

No fundo, a dupla natureza do teatro está aqui, no seu movimento de construção:

do viver a realidade ao fazer a ficção. Ao constatar esta dupla natureza do teatro,

aceita-se, naturalmente, a existência ou coexistência das várias abordagens à realidade

sociocultural e/ou educativa da comunidade.

As abordagens e formas de expressão diferentes, relativas ao teatro, permitem que não se abdique de realidades pedagógicas e científicas diversificadas, exigem, para si próprias, dinâmicas diferentes que justificam a necessidade de espaços, tempos, formações e objectivos também diferenciados. A expressão dramática, pelo valor essencial da gestualidade. A arte dramática, pelo

valor essencial da oralidade. Enquanto o ponto comum entre as duas abordagens está

no objecto que se produz: o jogo (o teatro na essência), o ponto divergente está no

objectivo a que se propõem: processo (vivido) e produto (espectáculo). De facto, estas

actividades têm o Teatro na sua essência, mas são duas diferentes abordagens à

criatividade e à criação. São estas realidades que temos aperfeiçoado na

área da educação formal, ao mesmo tempo que as integramos nas dinâmicas educativas

não-formais e informais, nomeadamente nas dinâmicas associativas e comunitárias

instituídas ou a instituir.

Perante este raciocínio pode-se afirmar que a expressão dramática é uma

actividade pré-teatral. Sobretudo, porque não tem o fim de apresentar um espectáculo,

ou seja, não está nos seus objectivos, nem na sua filosofia, contribuir para a produção

artística. Tem como objectivo somente fomentar o espírito artístico e o prazer da

descoberta e, por isso, esgota-se no momento em que acaba. Como promove uma

pedagogia da acção e do vivido, transforma o indivíduo em sujeito e objecto da sua

própria aprendizagem, fazendo-o participar num “processus” permanentemente em

situação. Ou seja, num “aqui e agora” em que as relações e as interacções são

determinantes no processo de consciencialização, tanto na perspectiva do “saber-ser”,

como na perspectiva do “saber-fazer”. A arte dramática tem como objectivo

fundamental a produção artística e concentra toda a sua energia, jogo e estética, num

produto final, num espectáculo, na apetência de agradar a um destinatário: o público.

**O TAS**

Companhia profissional fundada em 1975, o Teatro Animação de Setúbal possui o estatuto de Entidade de Utilidade Pública, atribuída pelo Primeiro-Ministro, Professor Aníbal Cavaco Silva em 17 de Outubro de 1987. Foi ainda distinguido, pela Câmara Municipal de Setúbal em 1991, com a Medalha de Mérito Cultural da Cidade.

O TAS ( Teatro Animação de Setúbal) é uma companhia de teatro com intervenção na cidade, concelho e distrito de Setúbal mas com visibilidade nacional, sobretudo pela qualidade do seu trabalho, tendo actuado ao longo das últimas três décadas e meia, atingindo sucessivas gerações, como escola de actores e formadora de públicos. O reconhecimento dos profissionais que integram a estrutura é reflectido também pela presença constante, e na forma como se têm distinguido em diversas produções externas no teatro.

É intenção desta companhia continuar a orientação da sua actividade assente na per-manente qualificação dos recursos humanos que a compõem e no estabelecimento de parcerias com entidades ligadas à arte e cultura em geral.

Apostam numa programação que é o resultado de uma reflexão séria da realidade e do meio social, reveladora de uma preocupação constante com a eficiência da metodologia utilizada para o desenvolvimento e sustentabilidade da actividade, tendo em vista uma relação directa entre o trabalho e o público receptor, a população em geral e alguns públicos específicos. Tendo já percorrido todo o continente e ilhas, deslocou-se também, em digressão a França, Canadá, Roménia e Turquia. Ao longo dos anos de actividade tem participado nos mais reputados encontros de teatro do país e durante quinze anos organizou um dos pioneiros e mais importantes festivais de descentralização, Festival de Teatro de Setúbal. O TAS tem o seu escritório e a sua sede na rua Dr. Anibal Alvares da Silva em Sétubal, embora realize espectáculos também noutros pontos da cidade ou até noutras regiões do pais. O TAS conta com 110 produções, entre clássicos, contemporâneos e originais, dando sempre particular relevância aos autores de língua e expressão portuguesa. Dirigindo também, desde sempre, espectáculos para as escolas, diversifica o trabalho em função dos diferentes públicos. No seu currículo encontram-se autores como Moliére, Shakespeare, Brecht, Tchekov, Strindberg, Ionesco, Pirandello, Pinter, Cocteau, Anouilh, entre muitos outros. Para além de originais de autores como, por exemplo, Lauro António, José Jorge Letria, Rui Zink, Fernando Gomes ou Fausto Correia Leite, tem difundido reconhecidos autores de língua portuguesa como, nomeadamente, Almeida Garrett, José Régio, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz, Jorge de Sena, Gil Vicente, Fernando Pessoa, Sophia de Melo Breyner Andresen, ou José Eduardo Agualusa.

A função do TAS – Teatro Animação de Setúbal, Centro Cultural de Setúbal, enquanto agente cultural e artístico de referência, comprovada e reconhecida pelas entidades oficiais, apresenta-se indispensável no contexto social em que se insere.
Companhia de teatro de repertório fortemente vocacionado para a divulgação de dramaturgias clássicas e contemporâneas, integradas em programas educativos, desde o pré-escolar à idade adulta, privilegiando os autores portugueses.

Pretendem difundir o teatro no espaço regional e nacional, estabelecendo regras de investimento na formação, baseada no pressuposto de que a exigência do desenvolvimento pessoal e profissional, para atingir a sustentabilidade, tem que ter em conta a produtividade, a competitividade, a modernização de metodologias e a aspiração a níveis mais elevados de qualificação no trabalho.
Renovam, para os próximos anos, a ambição de modernizar equipamentos e de  efectuar o investimento necessário no aperfeiçoamento dos meios de produção dos espectáculos. Para cada produção está prevista a contratação de colaboradores/criativos para as áreas artísticas e técnicas no sentido de enriquecer o trabalho das equipas e abrir novos horizontes criativos ao grupo. São um órgão aglutinador de valências multidisciplinares, opções reais no futuro do teatro, em que a utilização de novas tecnologias e meios de comunicação como a informática, o vídeo, o web-design e outros suportes que os permitam pôr em prática uma dimensão mais vasta das artes performativas. Apostam na confirmação das expectativas que temos em relação à renovação de espaços e equipamentos na cidade de Setúbal. Uma vez concluída a obra do Fórum Municipal Luísa Todi que sustenta a criação de uma sala polivalente, para além do melhoramento substancial da sala principal, será possível alargar a oferta de eventos culturais e artísticos como a realização de exposições dosseus trabalhos de cenografia, design, fotografia, figurinos e adereços. Desde muito cedo, o seu principal espaço é o Teatro de Bolso, área adaptada e de condições muito limitativas, pelo que é urgente a criação de uma sala de teatro que permita desenvolver o trabalho sem as restrições a que estão sujeitos.
O TAS colabora com muitos núcleos de teatro das escolas do concelho e apoia os grupos de teatro emergentes, como a Associação Água Ardente ou o Grupo Pano-Cru, na vertente artística e técnica e na cedência de instalações para ensaios e apresentação de espectáculos.  Responsável pela cadeira de Teatro da UNISETI – Universidade Sénior, orienta também estágios de alunos do curso de comunicação da ESE e da Escola Secundária Bocage.
Pretendem propor um futuro protocolo com a autarquia, apresentações de um espectáculo infantil, que em parceria com a C.M.S será oferecido a todas as crianças do concelho, ao longo do ano lectivo. Efectuam acções de animação nas pediatrias dos hospitais e junto de centros de acolhimento para idosos. O Teatro Animação de Setúbal estabeleceu parcerias, que pretende desenvolver - tendo algumas acções em projecto, outras já realizadas como o Circo Máximos, com instituições como ADC, APPACDM, ESE, Conservatório Regional de Música, Coral Infantil de Setúbal, Museu do Trabalho, Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, Teatro Art'Imagem, Água Ardente – Produções Teatrais, Uniseti - Universidade Sénior de Setúbal e com a maioria dos orgãos de comunicação social da região.
O TAS assinou, para 2009, um protocolo com o Governo Civil de Setúbal que visa a produção e realização de apresentações teatrais em treze concelhos do distrito, subordinadas ao tema “Sensibilização, Prevenção e Segurança Rodoviárias”.  O Teatro Animação de Setúbal é uma estrutura subsidiada pelo Ministério da Cultura, através da DGartes, e pela Câmara Municipal de Setúbal. O Apoio prestado ao TAS pelo ministério da Cultura foi de 50,880,00 € em 2009 e de 56,533,33€ em 2010.

**Problemas e desafios**

Apesar de completar três décadas e meia de existência, ao TAS quase sempre faltou (e continua a faltar) uma verdadeira sala de espectáculos dimensionada para a sua actividade. Instalado desde há muito no Teatro de Bolso, esta pequena mas simpática sala de pequena lotação e com diversos problemas de adaptação à realização de espectáculos, nunca correspondeu em pleno às necessidades da companhia, limitando as opções artísticas e o tipo de produções apresentadas. Com a aquisição do antigo Cine-Teatro Luisa Todi (actual Fórum Municipal) pela Câmara de Setúbal, no início dos anos noventa, o TAS passou a ser a principal entidade artística residente na sala e Carlos César assumiu uma quase-direcção daquele equipamento cultural. Infelizmente nunca foi decidido um modelo claro de gestão da sala, vogando-se numa indefinição que não permitiu à companhia (e à própria sala) a garantia de estabilidade para a sua programação.

Ao contrário da generalidade das companhias de teatro mais jovens, o TAS foi incorporando ao longo dos anos um quadro de pessoal (que actualmente conta com cerca de dezena e meia de actores e técnicos) que lhe veio a criar sérios problemas financeiros, nomeadamente pelo condicionamento criado à produção. E isto, apesar de esforços realizados na primeiros anos da década de 2000 e que se traduziram na rescisão de contratos por parte de alguns dos seus actores. Sempre apoiado, em maior ou menor medida, pelo Ministério da Cultura, têm sido os apoios da Câmara sadina – 200.000 € em 2010, no que é um dos mais vultuosos apoios do município a entidades culturais do concelho, bem como em instalações (Teatro de Bolso), – que tem permitido a continuidade da companhia.

Se nos primeiros vinte e seis anos da história do TAS a companhia conheceu um Director, Carlos César, desde 2002 sucederam-se à sua frente, sucessivamente, os actores Duarte Victor, Carlos Curto, Célia David, Miguel Assis e, recentemente, de novo Carlos Curto. Os desafios são cada vez mais difíceis. E o financiamento da estrutura é certamente dos maiores.

O trabalho cénico tem-se mantido regular, estreando a companhia duas a três produções anuais e mantendo um programa para itinerância. Faltar-lhe-á visibilidade extra-muros, porventura devida à escassa circulação dos seus trabalhos por outras salas do país. O entrosamento com as redes nacionais de teatros – de que Setúbal está arredada devido ao encerramento do seu Fórum para obras – poderá contribuir para um futuro melhor.

**Equipa de Actores do TAS**

CÉLIA DAVID, actriz, tem o curso nocturno do Conservatório Nacional. Ingressou no TAS em 1982. Passou pela Casa da Comédia integrada num curso de Criação Dramática e entre 1987/89 trabalhou no Teatro Estúdio de Lisboa. Estreou-se como encenadora em 1997 com “Fortunato e TV Glória” de Norberto Ávila, seguiu-se “O Gato e a Gaivota”, adaptação da obra de Luís Sepúlveda e criou o espectáculo “Os Anjos não Morrem”, a partir de textos de Bertold Brecht e Paul Strand.

DUARTE VICTOR, actor, tem a especialização em Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa. Desde 1976, participou em cerca de 60 peças de teatro e encenou 20. Em televisão participou em telefilmes, telenovelas e sitcom. Foi galardoado com a Medalha de Honra da Cidade de Setúbal, na área da cultura. Possui estatuto de formador no domínio da Expressão Dramática.

ISABEL GANILHO, actriz desde 1978, participou em mais de 60 produções. Foi professora da disciplina de Teatro do 3º ciclo, e das disciplinas de Oficina de Expressão Dramática e Trabalhos de Aplicação do Curso Tecnológico de Animação Social do secundário. Actualmente lecciona Expressão Artística na Universidade Sénior de Setúbal e é tesoureira do TAS.

 JOSÉ NOBRE, actor desde 1992, participou até à data em 46 produções, no TAS. Frequentou o workshop da ACT “Actor e imagem virtual”, com o realizador Jorge Queiroga. Em televisão trabalha habitualmente em séries e telenovelas, para além de fazer dobragens em filmes de animação e publicitários.

MARIA SIMÕES, actriz, formou-se na Escola Superior de Teatro e Cinema e frequentou ateliers na Fundação C. Gulbenkian. Em 1973/1974 foi actriz estagiária no Teatro Nacional. Desde 1976 fez parte do elenco de vários grupos de teatro de descentralização. Tem trabalhado em rádio, televisão e cinema. É actualmente a presidente da assembleia do TAS – Centro Cultural de Setúbal.

MARIA SOBRAL, actriz, ingressou no Teatro Animação de Setúbal em 1987, tendo integrado, desde aí,  cerca de 30 produções.

Participou em vários filmes e integra frequentemente os elencos de séries televisivas e novelas, tais como "Barba e Cabelo", "Cuidado com o  Fantasma" e "Tempo de Viver".

 MIGUEL ASSIS, actor e encenador, frequentou o curso de Relações Internacionais pela Universidade Lusíada e o curso de Formação de Actores no Instituto de Artes do Espectáculo. Ingressou no TAS em 1991. Participou em 36 produções e encenou 8 espectáculos. Tem feito televisão e cinema.

 SÓNIA MARTINS, actriz, desde 1989 participou em 41 espectá-culos. Frequentou o curso de televisão sob a direcção de Thaís de Campos. Integra regularmente os elencos de séries e telenovelas. Nos órgãos sociais do TAS – Centro Cultural de Setúbal, Crl, exerce o cargo de fiscal única.

 SUSANA BRITO, actriz, iniciou a sua actividade em 1988. Frequentou o curso de Cinema dirigido por André Cerqueira. Como actriz participou em 37 produções no TAS e faz frequentemente assistência de Encenação. Actualmente desempenha também as funções de produtora.

**Direcção**

 CARLOS CURTO, vivendo desde muito jovem ligado ao meio jornalístico, cedo se iniciou em actividades ligadas à cultura de uma forma não especificada nem sistematizada. Em Agosto de 2010 é convidado a integrar o TAS na qualidade de Presidente da Direcção e Director Artístico. Integra desde 1999 a S.P.A. – Sociedade Portuguesa de Autores na qualidade de cooperante. Paralelamente desenvolve uma carreira de músico/compositor/director musical.

**Equipa Técnica**

ÂNGELA ROSA, secretária, frequentou o curso profissional de dactilografia na Escola Reis Sousa. Ingressou no TAS em 1979 como dactilógrafa, integrando posteriormente a equipa de secretariado. Actualmente ocupa o cargo de secretária da direcção.

ANTÓNIO ROSA, luminotécnico, iniciou a sua actividade teatral em 1968, na empresa Vasco Morgado. Co-fundador do Grupo de Teatro Os Bonecreiros. Ingressou no TAS em 1978. Responsável técnico do Fórum Municipal Luísa Todi.

JOÃO FONSECA, carpinteiro e contra-regra, tem o curso de Carpintaria do Centro de Formação Profissional da Cruz de Pau, fez o estágio de carpintaria de cena no TAS, profissionalizando-se em 1988.

JOSÉ SANTOS, sonoplasta, tem formação na área da informática. Trabalhou como decorador de exteriores na NBP. No TAS desde 1998, exerce  a função de maquinista e sonoplasta.

ZÉ NOVA, figurinista, artista plástico, concluiu o curso de Ilustração Infantil e Técnico de Cinema de Animação. Começou a trabalhar em teatro em 2001 e tem trabalhado com frequência na área, paralelamente à actividade de ilustrador de livros infantis e manuais escolares.

**Espectáculo Circo Máximos**

 No âmbito do protocolo assinado com o Governo Civil de Setúbal, para a participação do Teatro Animação de Setúbal – Centro Cultural de Setúbal, CRL, no projecto de Sensibilização, Prevenção e Segurança Rodoviárias, tendo por base a realização de representações teatrais subordinadas ao tema, o texto e a encenação foi da autoria de Miguel Assis. O Circo Máximos é um espectáculo pontuado pelo humor ácido mas de simples percepção, tendo em vista os diferentes públicos a que se destina. Quatro actores desdobram-se em catorze personagens, durante cerca de meia hora, partindo de um texto inspirado na estrutura circense. Estas personagens/artistas de circo interpretam situações de exposição perante condutas rodoviárias impróprias e perigosas.
De forma humorística, a companhia procura transmitir uma mensagem de alerta para as graves consequências dos comportamentos irracionais e perigosos adoptados na estrada. Assim, através do cruzamento entre o mundo circense e a vida cívica, o TAS faz analogias entre os equilibristas e os peões, as feras e os condutores incautos, os domadores e os condutores cumpridores, os palhaços e os condutores irresponsáveis. A peça circo máximos foi apresentada o ano passado (2010), em Setubal, tendo percorrido outras regiões do pais, como o seixal, Almada, Montijo, Barreiro, Palmela, Pinhal Novo, Sines ou Grandola. O espectáculo, de acordo com o director do TAS teve uma excelente aceitação por parte do publico, obviamente que as pessoas não aderiram em massas, mas já foi um numero bastante significativo de espectadores.





**Introdução ao Evento**

**“…no meio de mil dores…”**

“Cartas Portuguesas” são atribuídas a Soror Mariana Alcoforado (1640/1723), freira portuguesa que nasceu e faleceu em Beja, onde professou no Convento da Conceição, tendo sido escrivã e vigária.  A autora das cartas tê-las-ia enviado a um não identificado gentil homem (francês) que serviu em Portugal. Gabriel de Lavergne, Senhor de Guilleragues, traduz as cartas, publicando-as em 1669 com o título Lettres Portugaises, identificando o destinatário: Noel Bouton de Chamilly.  A figura de Soror Mariana Alcoforado tornou-se um símbolo literário universal do Amor. “... no meio de mil dores...” As cinco ‘Cartas Portuguesas’ estão dramaturgicamente estruturadas num monólogo com a duração de meia hora. Meia hora em que as cartas são corpo e voz, deslizando entre o prazer e a repulsa, o desejo e o desespero desse vão desejo, a paixão e o encanto de preservar essa paixão, bebidos das entrelinhas de cartas que deixam de ser lidas para constituírem a própria interpretação. Amante / Amor / Ausente / Sagrado. ”…no meio de mil dores...”é um monólogo baseado nas Cartas Portuguesas atribuídas a Soror Mariana Alcoforado e concebido para ser representado em espaços não convencionais, preferencialmente monásticos.

**ESTREIA:** 14/05/2011

**TRADUÇÃO:** Prof. José Cerqueira de Vasconcelos

**CONCEITO, DRAMATURGIA E DIRECÇÃO:** Carlos Curto

**INTERPRETAÇÃO:** Célia David

**BANDA SONORA, DESENHO DE LUZ E GRAFISMO:** Carlos Curto

**FIGURINO:** Zé Nova

**FOTOGRAFIA:** José Santos

**OPERAÇÃO DE LUZ E SOM:** António Rosa

**PRODUÇÃO EXECUTIVA:** Susana Brito

**SECRETARIADO:** Ângela



**Relatório de observação do espectáculo**

As cinco cartas de mariana Alcoforado, são dadas há voz de Célia David, é um trabalho segundo actriz, diferente pois não e um trabalho de teatro, é feito numa perspectiva de performance, está sempre presente o actor por trás da personagem, e como se ela ( a actriz ) estivesse a recordar o que escreveu e a loucura associada a essas memorias. É feito nos claustros do convento do Jesus, dá um carácter verosímil, um trabalho exigente apesar de ser monólogo, pois a actriz tem de recriar uma situação como se estivesse de facto a vivê-la. A utilização de um espaço monástico, mostra o isolamento da personagem, a dor que ela sente por uma vida sofrida, por um amor que não foi correspondido.

Durante todo o espectáculo, é possível ouvir áudios monásticos, que são próprios de um convento enquanto a actriz vai fazendo um relato das cinco cartas que escreveu. Mostra sofrimento, mostra estar num estado de loucura extremo. O Convento de Jesus com pouca iluminação, proporciona um clima de tristeza, de dor sentida pela personagem.

A personagem durante o monólogo está vestida de freira, a cor preta simboliza também a tamanha dor com que vivia, pois sabemos que viver num convento ( local escuro, frio) nos transmite sentimentos tristes e de dor. A peça pode-se dividir em cinco momentos: cada momento corresponde a uma carta diferente, e as cartas remetem para [esperança](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esperan%C3%A7a) no início, seguida de [incerteza](http://pt.wikipedia.org/wiki/Incerteza) e, por fim, a convicção do abandono.

A realização do evento foi proposta pelo Director do teatro TAS, que escreveu todo o guião da peça e foi encenador da mesma. Como já referi anteriormente a peça procurava dar vida as cinco cartas que foram escritas por mariana alcofarado, as cartas de amor.

O director do TAS afirma que não está há espera de grandes massas para assistir a esta peça, mas com o decorrer da peça pensa que a afluência poderá vir a aumentar, sobretudo por parte das mulheres, pois a peça tem um lado mais feminino.

Carlos Curto afirma que não há grande aceitação por parte das gerações antigas às peças do TAS, pois o público da cidade não é muito perceptível na área das artes. Espera que a geração vindoura traga um novo interesse pelas artes, nomeadamente pelo teatro.

O evento foi observado no dia 3 de Junho tendo inicio pelas 21:30, e de facto deveriam estar na sala por volta de 20 pessoas, não mais que isso. A comunicação social que esteve presente no evento, foi da região de Setubal, alguns exemplos de jornais da região como o : rostos, [o setubalense](http://www.osetubalense.pt). E ainda o fórum de divulgação de eventos de Setúbal o [setubalcultural.](http://www.setubalcultural.com)

**Conclusão**

O desenvolvimento de um trabalho desta natureza, pressupõe sempre uma metodologia de campo, em que temos de investigar junto das entidades e estar no terreno da acção.

Julgo que é importante, fazer agora no final uma reflexão sobre o trabalho que realizei, apontando dificuldades mas também as aprendizagens que fui capaz de realizar.

As maiores dificuldades sentidas, foram sobretudo de conseguir estar no terreno e obter informações mais pormenorizadas acerca deste teatro e dos respectivos eventos que falei.

Realizar um trabalho de campo sozinha, não é de facto fácil, mas mesmo assim penso ter cumprido todos os requesitos que eram propostos, tentei falar com alguns actores que estão relacionados com a área da animação mas foi completamente impossível, pois sempre que os procurei nunca consegui obter um contacto para saber mais acerca dos seus papéis sociais, e relacionados com a animação. Apesar disso consegui chegar há conversa com o director do TAS que se mostrou sempre útil para prestar qualquer informação que precisasse, tendo partido dele a maior parte do conteúdo que contempla este trabalho. Outra dificuldade foi o facto de a peça não ter muito a ver com a área da animação sociocultural, mas apesar disso encontrei uma peça que estava directamente relacionada com o papel que o teatro pode ter em animação.

Apesar das dificuldades, este trabalho trouxe-me algumas aprendizagens. Consegui saber mais acerca do teatro na animação sociocultural, perceber que o importante não é o ver teatro, mas sim o fazer sempre com um objectivo por detrás, que no caso da peça circo máximos é o de alertar qualquer tipo de publico, mas principalmente os mais jovens para condutas impróprias que muitas vezes ocorrem nas estradas. Em relação ao trabalho em si, contribui-o em muito para o papel de animadora que terei no futuro, pois o nosso trabalho ( dos animadores ) passa sempre por estar em “ campo”, procurar, investigar, o que muitas vezes sabemos que não é fácil pois muitas portas nos são fechadas.

A escolha desta associação recai muito no facto de ser pouco valorizada, até mesmo pelos habitantes da cidade segundo informações do director do TAS. É preciso dar a conhecer estruturas que muitas vezes são pouco conhecidas ou valorizadas, mas que apesar disso têem projectos que podem ser tão bons e produtivos como os deste teatro.

**Bibliografia**